



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

ISABELE DE LIMA FERNANDES

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CONTEXTO ESCOLAR: um estudo de
caso no município de Cuitegí-PB**

GUARABIRA – PB

2014

ISABELE DE LIMA FERNANDES

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CONTEXTO ESCOLAR: um estudo de
caso no município de Cuitegí-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia, da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, em cumprimento aos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Ms. Luana Anastácia Santos de Lima.

GUARABIRA – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F363v Fernandes, Isabele de Lima

Varição linguística no contexto escolar [manuscrito] : um estudo de caso no município de Cuitegí-PB / Isabele de Lima Fernandes. - 2014.

24 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.

"Orientação: Luana Anastácia Santos de Lima, Departamento de Educação".

1. Sociolinguística. 2. Variação Linguística. 3. Escola. I.
Título.

21. ed. CDD 306.44

ISABELE DE LIMA FERNANDES

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CONTEXTO ESCOLAR:
um estudo de caso no município de Cuitegi-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia, da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, em cumprimento aos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em 12 de março de 2014

COMISSÃO EXAMINADORA


Profª Ms. Luana Anastácia Santos de Lima /UEPB
Orientadora


Prof. Ms. Luiz Henrique Santos de Andrade / UEPB
Examinador


Profª Esp. Verônica Santos de Lima / UEPB
Examinadora

GUARABIRA-PB
2014

Dedico aos meus pais, pelo estímulo nesta caminhada acadêmica. Aos meus irmãos e ao meu noivo, pela força e compreensão.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ter permitido mais uma vitória em minha vida.

A querida orientadora Prof^a Luana Anastácia Santos de Lima, pela força, dedicação e paciência na construção deste trabalho.

A todas as colegas da turma 2010.1 que conviveram comigo durante os quatro anos.

Aos demais professores do curso, a banca examinadora e a todos que de forma direta ou indireta me ajudaram ao longo deste estudo, meus sinceros agradecimentos.

PRONOMINAIS

Dê-me um cigarro

Diz a gramática

Do professor e do aluno

E do mulato sabido

*Mas o bom negro e o bom
branco*

Da Nação Brasileira

Dizem todos os dias

Deixa disso camarada

Me dá um cigarro.

(Oswald de Andrade)

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	07
2- SOCIOLINGUÍSTICA E VARIAÇÃO.....	09
2.1- Variação de acordo com o contexto.....	11
2.2- Norma padrão como referência para falar-se bem.....	12
3- SOCIOLINGUÍSTICA E ENSINO.....	14
4- METODOLOGIA.....	17
5- ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	18
6- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
7- REFERÊNCIAS.....	23

APÊNDICE

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CONTEXTO ESCOLAR: um estudo de caso no município de Cuitegí-PB

FERNANDES, Isabele de Lima.¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a questão da variação linguística no contexto escolar, bem como a postura do professor frente ao uso da linguagem não-padrão apresentada por seus alunos de uma escola pública, no município de Cuitegí-PB. Para tanto, estudiosos da área como Bortoni-Ricardo (2004), Dino Preti (2003), Irandé Antunes (2007), Marcos Bagno (2002) dentre outros serão a nossa base teórica para as análises e reflexões aqui contidas. Para tal, fizemos uso da pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, onde registramos as falas dos alunos, com construções que se afastam do padrão, bem como a aplicação de um questionário com a professora da sala, na qual ocorreu a pesquisa. Através da pesquisa, pudemos perceber que a educadora possui conhecimentos sociolinguísticos e não vê a variação linguística como um “erro”. Em relação aos alunos, os mesmos apresentaram alguns fenômenos durante a interação oral, tais como: monotongação, desnasalização, prótese, assimilação, ditongação e falta de concordância no plural. Conclui-se, então, que a variação linguística está presente nas escolas e que o papel do professor é bastante importante para superação de estigmas relacionados à linguagem não-padrão e a ascensão do aluno frente à linguagem padrão.

Palavras-chave: Sociolinguística. Variação Linguística. Escola.

1. INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo totalmente heterogêneo e, assim, a linguagem também se faz. Como um dos efeitos desta heterogeneidade, temos a variação linguística a qual tem sido alvo de concepções errôneas, advindas de atitudes estereotipadas sofridas por indivíduos que não possuem um vocabulário baseado na Norma Padrão (NP), que é considerada por muitos como a única forma correta de falar.

Vários estudos sociolinguísticos vêm mostrando-nos que a variação é algo natural entre falantes e que a mesma possui estreita relação com a sociedade na

¹ Formanda no curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (Guarabira)
Email: IsabeleLimactg@gmail.com

qual o indivíduo está inserido, bem como com fatores extralinguísticos que condicionam tal fenômeno.

Diante desta realidade, vimos a importância de investigar a variação linguística em sala de aula, motivados, sobretudo, pela busca da superação do preconceito para com aqueles que não possuem dialetos como os prescritos pela gramática, levando em consideração que a escola é o melhor espaço para trabalhar tal superação. Vale salientar, nesse sentido, que o acesso a NP² da linguagem é um direito do aluno e a escola cumpre muito bem esta tarefa, dando-lhes oportunidades de desempenhar seus papéis de forma igualitária na sociedade, no que tange a linguagem.

Frente a estas questões linguísticas, este trabalho tem como objetivo geral analisar a variação explicitada nas falas dos alunos de uma escola da rede pública de ensino, do município de Cuitegí-PB, localizada no brejo paraibano.

Nossos objetivos específicos são:

- a) refletir sobre a variação como algo natural e não como algo errôneo;
- b) discutir algumas concepções acerca da sociolinguística e de sua contribuição para a educação;
- c) investigar a postura do professor frente a um caso de variação apresentado pelos alunos.

Para tanto, estudiosos da área como Bortoni-Ricardo (2004), Dino Preti (2003), Irlandé Antunes (2007) e Marcos Bagno (2002), serão a nossa base teórica para as análises e reflexões aqui contidas, tendo em vista que os mesmos colaboram com o assunto explorado nesta pesquisa.

Na primeira parte deste trabalho, discorreremos sobre aspectos relacionados à sociolinguística e variação, de forma que descrevemos pontos relevantes sobre a norma padrão e a variação de acordo com o contexto. Mostramos, ainda, o quanto a norma padrão tem sido considerada, pela maioria dos falantes, a referência para falar-se bem e a relação da sociolinguística com a educação, bem como sua contribuição para a mesma.

² Entende-se por NP Norma Padrão.

Na parte seguinte, tratamos dos procedimentos metodológicos adotados para a execução da pesquisa na escola, apresentando os sujeitos da mesma e instrumentos adotados.

Na terceira parte, trazemos a análise e discussão dos resultados com os dados obtidos por meio da pesquisa.

Por último, trazemos as considerações finais, ressaltando pontos que foram importantes no decorrer do trabalho, as referências bibliográficas e os anexos.

2. SOCIOLINGÜÍSTICA E VARIAÇÃO

Os estudos sociolinguísticos iniciaram-se nos Estados Unidos nas décadas de 1950 e 1960, tendo como precursor o linguista Norte Americano William Labov (1972), o qual iniciou os estudos sobre variação linguística buscando, desta forma, mostrar a heterogeneidade da língua falada e, conseqüentemente, que a língua não é usada igualmente por todos. A partir disto, surge uma nova área de estudos linguísticos denominada sociolinguística, com o intuito de estudar e analisar a estreita relação que há entre a língua e a sociedade, tendo assim como principal objeto de estudo a questão da variação observada na língua e motivada por fatores de ordem social. Desta forma, percebe-se o quanto Labov (*op. cit.*) teve um papel bastante importante para a desmistificação da homogeneidade linguística.

É importante destacar, neste sentido, que a sociolinguística trata a questão da variação como algo normal dentro da sociedade e não como um problema ou “erro”³, de forma que tais variações representam diferentes modos de falar a mesma coisa e possuem seus devidos valores, de acordo com um dado contexto de aplicação. Deste modo, procura-se superar todas as formas de discriminação, exclusão e preconceito no que tange a linguagem, em relação às variáveis menos prestigiadas.

Nesse contexto, a sociolinguística vem estudar a linguagem em situações reais de uso, analisando estas variações como, de fato, ocorrem e eliminado, assim,

³ É importante destacar que, ao longo deste trabalho, utilizaremos o termo “erro” como sinônimo de construções que se afastam da norma-padrão e que, portanto, sofrem preconceito.

questões hipotéticas e “fantasiosas” de uma linguagem comum a todos. Entende-se, então, que a língua é plural e a variação é algo comum e natural.

Salientamos, ainda, que a linguagem assume variadas formas de uso que vão revelando-se de acordo com o falante e com elementos distintos tais como: idade, grau de escolaridade e status socioeconômico, entre outros, que revelam esta gama de variedades no que tange os dialetos usados pelos falantes.

Estas variações apresentam-se na linguagem em si, não condicionadas, somente, por fatores geográficos, como é o caso da variação existente entre falares rurais e urbanos, a qual trataremos mais adiante.

Explicitaremos, a seguir, como ocorre a variação de acordo com estes elementos⁴ mencionados anteriormente, com base nos estudos de Bortoni-Ricardo (2004):

- **Idade:** São perceptíveis mudanças linguísticas no que diz respeito à diferença de idade entre falantes. Os indivíduos mais velhos possuem um dialeto bastante diferente dos jovens atuais, trazendo em seu repertório linguístico palavras em desuso na contemporaneidade. Já os mais novos têm seu repertório cheio de gírias e um jeito de falar mais despojado. No que tange o nível infantil é possível identificar que a criança possua algumas deficiências em seu vocabulário que condiz com sua própria idade.
- **Grau de escolaridade:** São nítidas as variações existentes entre indivíduos que possuem um elevado grau de escolaridade e indivíduos analfabetos ou que, por alguma razão, não terminaram seus estudos. Acrescenta-se, portanto, neste contexto, o status socioeconômico como um fator condicionante para o sucesso ou fracasso escolar de um indivíduo, pois quanto maior a escolaridade de um indivíduo mais elevado será seu vocabulário em detrimento de outro que pouco frequentou a escola ou nem se quer chegou a ir a uma por ter que cumprir e/ou ajudar na parte financeira da família. A respeito disso, Preti (2003, p.29) afirma que “não há dúvida de que só a frequência à escola possibilitaria ao falante dominar tais formas, ausentes da linguagem popular”.

⁴ Vale salientar que, no contexto de estudos sociolinguísticos, tais elementos constituem variáveis extralinguísticas, as quais independem da língua em si, para influenciar a ocorrência de um determinado fenômeno

- **Status socioeconômico:** Muitas vezes, o preconceito linguístico ocorre subsidiado pelo status socioeconômico que o indivíduo possui. Assim, os considerados mais letrados atribuem “erros” ao dialeto falado por sujeitos que constituem as camadas menos favorecidas socialmente, por não condizerem com as regras impostas pela gramática. Diante disso, GNERRE (*apud* BAGNO, 2002 p.64) diz que “uma língua ou variedade de língua vale o que vale seus falantes”. Com base nisso, podemos dizer que a superioridade de uma língua sobre outra é uma construção inteiramente social, criada pelas classes de maior prestígio.

Diante de todos estes casos, se faz necessário pensar e entender a linguagem como heterogênea e, acima de tudo, reconhecer e valorizar as diversidades linguísticas existentes em nosso meio buscando compreender que todas as variantes são válidas e que não existe uma norma melhor do que a outra.

2.1 Variação de acordo com o contexto

O sociolinguista norte-americano Dell Hymes (1971), completando o que Chomsky (1965) chamou de competência linguística, criou o conceito de competência comunicativa. Para Chomsky (*op. cit.*), a competência linguística seria a capacidade que o indivíduo tem de, a partir de um conjunto de regras, formar sentenças comunicativas, estas bem formadas, possibilitando assim a comunicação entre as pessoas. De acordo com o referido autor, se há compreensão no que o indivíduo falou ou escreveu, houve comunicação, independente da gramática e da NP.

Para Dell Hymes (*op. cit.*), este conceito criado por Chomsky (*op. cit.*) era incompleto por não contemplar questões relacionadas à variação linguística. A respeito disto, Bortoni-Ricardo (2004) diz que:

Hymes então propôs um novo conceito o de competência comunicativa, que é bastante amplo para incluir não só as regras que presidem à formação das sentenças, mas também as normas sociais e culturais que definem a adequação da fala (BORTONI-RICARDO, 2004, p.73).

A variação linguística de um falante pode também ocorrer de acordo com a situação na qual o mesmo está inserido, ou seja, a partir da competência comunicativa do indivíduo, o mesmo pode adequar sua fala a um determinado contexto analisando, assim, a melhor forma de falar, para que ocorra o sucesso comunicativo entre locutor e interlocutor. Ressaltamos, ainda, que é importante analisar o papel social que estamos desempenhando no momento da fala. Se estamos assumindo papel de professores, por exemplo, usamos uma linguagem voltada à NP, isto é, mais monitorada. No entanto, se estamos no papel de amiga(o), usamos uma linguagem popular, não monitorada. Sendo assim, percebe-se que escolhemos o estilo mais adequado ao nosso papel social em determinado contexto e momento dos atos de fala.

O falante não precisará mudar definitivamente seu repertório linguístico, que é marca de sua cultura e de sua identidade, mas adequá-lo, fazendo bom uso da linguagem para alcançar-se o objetivo previsto de uma dada situação. Os PCNs de língua portuguesa (BRASIL, 1997, p.31), tratando deste assunto, dizem que “a questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, adequar o registro às diferentes situações comunicativas”.

2.2 Norma padrão como referência para falar-se bem

Em contrapartida ao que a sociolinguística busca, existe a gramática normativa que vem impor aos falantes um modo de falar considerado como único e correto, sendo considerado como “errado”, feio e estigmatizado, tudo o que se afaste deste modelo de fala. Bagno (2002), tratando deste assunto, afirma que:

[...] o uso que não está consagrado nessa “norma culta” (o uso que não está abonado nas gramáticas normativas e nos dicionários) simplesmente “não existe” ou “não é português” (BAGNO, 2002, p. 20).

Desta forma, cria-se a concepção de que a norma padrão é a melhor, “excluindo” todos aqueles que não fazem uso desta linguagem imposta pela sociedade. A referida norma prega uma uniformidade na linguagem desconsiderando, assim, os dialetos que não seguem a esta regra. Mas, como querer que exista uma linguagem padrão comum a todos os indivíduos dentro da

sociedade, se nem mesmo seus falantes são padrões? Como dito anteriormente, constituímos uma sociedade heterogênea, e o mais comum é que haja variações na linguagem, visto que tal variação constitui elementos peculiares de um povo, sobretudo, no que diz respeito à língua. Portanto, não devemos ignorar a variação linguística existente na sociedade.

A este respeito, Antunes (2007, p.104) afirma que:

A variação, assim, aparece como uma coisa inevitavelmente normal. Ou seja, existem variações linguísticas não porque as pessoas são ignorantes ou indisciplinadas; existem porque as línguas são fatos sociais, situados num tempo e num espaço concretos, com funções definidas, e como tais, são condicionados por esses fatores.

Historicamente, o dialeto culto, embasado pela norma padrão é tido como o melhor, o mais bonito e o de maior prestígio para ser usado pelos falantes. Já o dialeto popular ou não-culto, carrega consigo o status de feio e errado, atribuindo-se a esta variação um valor negativo. Entretanto, devemos observar que há vocábulos comuns a estes dois dialetos, os quais são usados, portanto, por todos os indivíduos, indo daqueles mais escolarizados e que constituem as camadas mais privilegiadas da sociedade, até aqueles que se encontram menos favorecidos. A partir desse aspecto, devemos pensar em uma linguagem comum, por abranger os dois dialetos. Nesse contexto, Gleason (*apud* PRETI, 2003, p. 33) retrata que “linguagem comum é apenas uma designação para a maior parte do leque de interação entre as outras duas”.

Através da pronúncia das palavras, é possível identificarmos elementos que constituem os dialetos culto e popular. Entretanto, a pronúncia de algumas destas palavras encontram-se presentes tanto nos estilos monitorados, quanto na fala mais espontânea, constituindo, assim, uma linguagem comum aos dois estilos. A exemplo disso, Preti (2003) aponta que:

Mas também é certo que, nesse campo, muitas formas como fala, dizê, contô, falô, falaro etc. já começam a ingressar também numa faixa de linguagem comum e não constituem mais elementos diferenciadores entre os dialetos sociais culto e popular (PRETI, 2003, p. 34).

É notório que a sociedade elegeu o dialeto culto, embasado pela norma padrão, como o melhor, considerando em detrimento todas as formas dialetais que não se encontram coerentes com a referida norma. Entretanto, para a sociolinguística, isto é inaceitável, uma vez que esta área de estudo concebe a variação como um processo natural da língua, contribuindo, assim, para a não aceitação de atitudes preconceituosas.

3. SOCIOLINGUÍSTICA E ENSINO

Vivemos em uma sociedade onde prevalece a competição e, com isto, a exclusão acontece de tal forma, que acabamos sendo reconhecidos por aquilo que somos, fazemos e falamos. Sendo assim, insere-se, também, a este contexto, a problemática do *preconceito linguístico*.

O uso de uma linguagem que não seja a prescrita nas gramáticas é considerado incorreto, fazendo com que o falante desta variante seja estigmatizado no meio social. Entretanto, existe uma grande distância entre o que a gramática prescreve e o que é de fato falado, principalmente, nos momentos não monitorados de fala. Além disso, muitas vezes, as escolas detêm-se nesta ideia de que apenas a língua descrita na gramática é a única correta a ser ensinada. Entretanto, a escola deve reconhecer e analisar as características de seus alunos e respeitá-las, de modo que haja a superação de estereótipos acerca da linguagem não-padrão, o que deve ocorrer a partir da educação infantil. O educador não deve desvalorizar a linguagem prévia que a criança traz consigo e que é adquirida no seio familiar e social em que vive.

A este respeito, Bagno (2006, p.28-29) afirma que:

Esses preconceitos fazem com que a criança que chega a escola falando PNP⁵ seja considerada uma “deficiente” linguística, quando na verdade ela simplesmente fala uma língua diferente daquela ensinada na escola.

É importante, também, que a escola reconheça esta variedade linguística de seus alunos e não fique presa, apenas, à norma padrão. Antes de tudo, é preciso

⁵ Para maior esclarecimento ao leitor, a referida sigla significa Português Não Padrão, contida no livro *A Língua de Eulália*, do autor Marcos Bagno (2006).

analisar as condições sociais dos mesmos e, a partir daí, trabalhar a norma padrão, sem excluir sua língua materna, evitando-se, assim, que o aluno se sinta inferior ou constrangido por não dominar tal variedade. Bagno (*op. cit.*) concorda com esta idéia, quando nos diz que:

[...] nossa escola não reconhece a existência de uma multiplicidade de variedades de português e tenta impor a norma-padrão sem procurar saber em que medida ela é na prática uma “língua estrangeira” para muitos alunos, se não para todos (BAGNO, 2006, p. 29).

Por este motivo, a escola deve refletir suas ações acerca da variação, pois a mesma tem um papel fundamental na construção da valorização e do respeito à pluralidade linguística existente. Desta forma, é imprescindível que o professor esteja atento às variedades sociolinguísticas de seus alunos e não as despreze, mas sim, que o mesmo conscientize seus alunos que existe mais de uma forma de falar a mesma coisa e que esta variação ocorre, também, de acordo com o contexto na qual o indivíduo está inserido.

A respeito disto, Antunes (2007, p.100) afirma que:

Devemos ainda rejeitar (denunciá-la, até!) qualquer atitude preconceituosa e não perder a oportunidade de abrir a discussão sobre tais pontos, a fim de possibilitar um entendimento equilibrado da questão: existem muitos falares; todos são legítimos; cada um é apropriado a uma situação particular.

Assim, o professor deve trabalhar a questão da competência comunicativa, ou seja, mostrar ao aluno que dadas situações merecem maior monitoramento linguístico, para que ocorra sucesso na comunicação e outras não merecem tanta atenção, por serem momentos mais descontraídos. Outro fator relevante que a escola deve trabalhar, diz respeito aos alunos que, muitas vezes, saem da zona rural para estudarem na zona urbana, pois tais alunos possuem um acesso limitado à norma padrão e possuem características próprias de sua comunidade. O que acontece, na maioria das vezes, é que estes alunos são estigmatizados e é neste momento que a escola deve buscar a conscientização de que esta linguagem faz parte de uma identidade e cultura de um povo e de um leque de variedades linguísticas existentes e que, portanto, não é melhor nem pior que qualquer outra.

Entretanto, vemos uma pedagogia nada sensível às características linguísticas de seus alunos, onde muitos professores usam a figura do personagem Chico Bento para trabalhar a questão da variação linguística e, em seguida, solicitam aos seus alunos que repassem a linguagem do personagem para a forma padrão. Desta forma, o professor, mesmo que inconscientemente, está contribuindo para o desprezo da linguagem típica da zona rural e exaltando uma linguagem padrão como a única correta.

Deste modo, os professores devem usar este personagem em suas aulas a fim de somar conhecimentos acerca da variação linguística e para que possamos, assim, conhecer a gama cultural existente em nosso país.

Neste sentido, Antunes (2007) advoga que:

Assim, que saibamos trazer Chico Bento, Luís Gonzaga ou Patativa do Assaré, não para corrigi-los, não para apagar suas diferenças de expressão, mas para usufruir de suas criações, enriquecer nosso convívio, completar nosso encantamento. Deixemos que eles falem exatamente como falam, que é parte do que eles são (ANTUNES, 2007, p.109).

Conscientemente da variação linguística existente, é função da escola obviamente levar o aluno ao conhecimento da norma padrão, pois é seu direito. No entanto, o professor deve mostrar que ambas as linguagens – padrão e não padrão, têm sua importância e, conseqüentemente, a elas são atribuídas valores. Assim, o aluno terá condições de desempenhar seu papel como cidadão de direitos, igualmente àqueles que possuem maior prestígio social.

É importante ressaltar, ainda, o papel do professor na construção dessa valorização e desmistificação de erro na linguagem. Para isso, o mesmo deve identificar a variante não-padrão e mostrar ao aluno que a maneira como ele falou não está errada, mas que, em alguns momentos, terá que monitorar-se e utilizar uma linguagem padrão. O professor não deve usar o momento de fala não-padrão do aluno para repreendê-lo, pois isto pode gerar danos ao aluno, como por exemplo, o mesmo manter-se calado nas aulas e, em instância maior, a evasão escolar. Ao invés disso, o mesmo deve conscientizar seus alunos da existência de uma variação linguística.

4. METODOLOGIA

Para a realização deste estudo, adotamos a pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, para que possamos investigar sobre a incidência da variação linguística presente nas salas de aulas. Segundo Bortoni-Ricardo (2008):

O objetivo da pesquisa qualitativa em sala de aula, em especial a etnográfica, é o desvelamento do que está dentro da “caixa preta” no dia a dia dos ambientes escolares, identificando processos que por serem rotineiros, tornam-se “invisíveis” para os atores que deles participam (2008, p.49).

Desta forma, buscamos observar e registrar momentos de falas não monitoradas dos alunos, bem como, a postura da professora frente às palavras consideradas “erradas” e, ainda, a aplicação de um questionário⁶ com a mesma, objetivando analisar seus conhecimentos sobre a temática em questão para que mais adiante esses elementos sejam objeto de análise.

Essa pesquisa foi realizada em uma escola estadual na cidade de Cuitegí-PB, em uma sala de 5º ano do Ensino Fundamental I, na qual existiam 17 alunos constituindo, juntamente com a educadora, os sujeitos desta pesquisa.

Para a realização desse estudo, foi feita, inicialmente, uma visita à escola escolhida, de forma a expor o objetivo da pesquisa não só a direção, mas a professora e a turma escolhida. A respeito disso, Bortoni-Ricardo (2008) advoga que “é importante que o pesquisador discuta com eles a natureza e os objetivos de sua pesquisa e obtenha autorização para poder frequentar a escola e entrar nas salas de aula” (BORTONI-RICARDO, 2008, p.57).

A referida pesquisa aconteceu em um período de quatro aulas, na qual observamos e tomamos nota dos dialetos “errados” dos alunos. A partir desse material coletado, buscamos analisar possíveis fatores que interferem nesta variação linguística, a exemplo do status socioeconômico e as variedades geográficas, aqui entendidas como falares rurais e urbanos desses alunos.

⁶ O referido questionário encontra-se no final deste trabalho em Apêndice 1.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Diante das observações e anotações realizadas na sala de aula, analisaremos os registros das falas dos alunos, destacando a ocorrência variável de alguns fenômenos, bem como de alguns aspectos relevantes.

Inicialmente, verificamos a ocorrência do fenômeno da monotongação, o qual constitui, basicamente, a perda da semivogal dos ditongos, isto é, a redução de um ditongo a uma vogal simples – o monotongo.

Ex: *feira*→*fêra*; *trouxe*→*truxe*

De acordo com a literatura da área, a monotongação representa um recurso linguístico utilizado pelos falantes na questão da economia linguística, apresentando-se como um processo quase categórico na língua. Para Lima (2009), “tal variação é observada tanto na língua escrita quanto na oral, sendo mais ocorrente nessa segunda [...]”, como, de fato, pode-se comprovar na fala dos alunos participantes da pesquisa.

Além disso, Lima (*op. cit.*) ainda acrescenta que tal fenômeno ocorre pelo fato de ser uma tendência natural da língua recorrer à estrutura CV(C), bastante frequente no PB (Português Brasileiro), diante da qual o falante procura eliminar, de forma inconsciente, as semivogais que ocupam o lugar da segunda consoante, que não são confortáveis na língua, principalmente, na oralidade, e que requer um maior esforço despendido pelo falante para realizá-la.

Outro fenômeno observado, foi a assimilação, representado, basicamente, pelo apagamento da oclusiva dental /d/ no grupo -ndo, em palavras no gerúndio.

Ex: *vendo*→*veno*; *estudando*→*estudano*; *escrevendo*→*escreveno*.

Mollica e Matos (*apud* MARTINS, 2004) ratificam, de certa forma, nossos dados, ao afirmar que há maior evidência de assimilação nas formas de gerúndio, onde ocorre a supressão da oclusiva dental /d/. A este respeito, Martins (2004) acrescenta que este processo ocorre porque a presença da oclusiva dental /d/ na fala está associada à variedade padrão e de prestígio da língua. Então, a partir do momento em que o falante se encontra em um contexto de fala não monitorado e, portanto, não padrão, a tendência é que o mesmo elimine elementos que representem para ele qualquer “dificuldade” de manipular a língua.

Notamos, também, o fenômeno da ditongação, o qual é a transformação de uma vogal em ditongo e que, de acordo com Aragão (2000, p. 112), tem sua ampla realização na fala.

Ex: fez → feyz

Em relação a este fenômeno, Câmara Jr. (*apud* ARAGÃO, 2000) afirma que, no português moderno, a ditongação ocorre dialetalmente, pela vogal tônica final travada por /s/, desenvolvendo um ditongo através do acréscimo da semivogal /y/, como no caso da palavra fez, pronunciada /feys/.

Deve-se destacar que tal fenômeno ocorre há muito tempo, sendo utilizado em rimas do tipo: azuis / luz, jamais / voraz; além de, já naquela época, ter sua pronúncia considerada estigmatizada, devendo ser evitada na fala culta (LEITE; CALLOU; MORAES, 2002).

Diante deste contexto, acreditamos que a produção da ditongação observada na fala dos alunos deva-se ao fato de ser um fenômeno antigo e que perpassa gerações, permanecendo vivo até os dias atuais.

A esse respeito, o autor Bagno (2005, p. 162) advoga que o brasileiro, de forma geral:

[...] dá franca preferência às regras não-padrão, porque elas representam ou o que há de mais antigo ou o que há de mais inovador na língua: as regras mais antigas já provaram sua funcionalidade, por isso se mantêm vivas; as regras mais inovadoras respondem mais eficazmente a necessidades expressivas e comunicativas atuais.

Pode-se constatar, também, a falta de concordância nominal, sobretudo, a de número, onde, neste caso, os alunos flexionaram apenas o primeiro elemento.

Ex: as mulheres → as mulherØ

Para Bagno (2006), há uma tendência por parte dos falantes em eliminar, na oralidade e em um contexto informal (onde o falante não se preocupa em como falar), as marcas redundantes de plural, como em:

Ex.: as meninas → as meninaØ.

Desta forma, percebe-se que o plural é marcado apenas na primeira posição do sintagma nominal, sendo omitido na segunda posição que é considerada redundante e, portanto, desnecessária.

Assim, acreditamos que a explicação para tal ocorrência, esteja no fato de, na oralidade, os falantes tenderem a utilizar uma construção sintática diferente da estabelecida pela gramática, rejeitando elementos dispensáveis.

Por fim, percebemos a ocorrência de metaplasmos como a prótese, identificada pela inserção de um fonema no início da palavra, considerada bem recorrente no PB.

Ex: pois → apois

De acordo com Amaral (1920), a ocorrência da prótese é mais recorrente no falar rural. Para dar conta de explicar tal ocorrência em nossos dados, ecoamos Bagno (2007, p. 8), o qual corrobora a presente ideia, ao afirmar que a presença de metaplasmos como este já se apresenta como um fenômeno constante na língua. O referido autor ainda acrescenta que muitos desses vocábulos são, também, formas arcaicas e clássicas conservadas em dialetos regionais. Por isso, os falantes as usam em sua fala não monitorada – uma forma inconsciente de manter viva uma estrutura antiga da língua usada, provavelmente, em suas comunidades de fala.

Além destes acima citados, também foram detectados na fala dos alunos o caso da desnasalização, *exbarregem* → *barrageØ*; *homem* → *homØ*. A este respeito, Bagno (2008) afirma que “ao que parece, existe a tendência na língua portuguesa de eliminar a nasalidade das vogais postônicas [...] Quer dizer, eliminar, o som nasal das vogais que estão depois da sílaba tônica [...]” (BAGNO, 2008, p.116).

Encontramos, ainda, expressões, tais como “*mais pequena*”, “*mais grande*”, “*precare*”, “*fêssora*”, que apresentam-se como sendo parte integrante do vocabulário dos alunos e que foram apreendidas, provavelmente, no seio familiar e na comunidade em que vivem e, portanto, configuram uma linguagem não padrão. Acreditamos, assim, que tais construções observadas no repertório dos falantes, em um contexto não monitorado, foram/são adquiridas a partir do contato com a sua comunidade, isto é, seu grupo social, e reproduzidas de forma natural em seus atos de fala. Neste sentido, Labov (1972) afirma que a implementação de estilos monitorados no repertório de uma pessoa vai depender dos recursos que lhe

viabilizam as diversas tarefas comunicativas relacionadas com os papéis sociais que ela assume em seu grupo social.

Com relação ao questionário respondido pela professora da sala em questão, é possível verificar que a mesma possui conhecimentos sociolinguísticos e não entende a variação linguística como um “erro”.

Quando perguntada sobre a importância de trabalhar-se a variação linguística na sala de aula, a mesma respondeu ser de grande valia, pois os educandos devem saber que nenhuma língua é inferior, toda ela é adequada, constituindo-se um meio para representar o mundo físico e simbólico, no qual cada cidadão vive.

Neste contexto, Bagno (2002) defende a importância de uma escola/educador que tenha uma visão sociolinguística, no sentido de discutir com seus educandos os valores sociais atribuídos a cada variante linguística, enfatizando a carga de discriminação que pesa sobre determinados usos da língua, de modo a conscientizá-los de que sua produção linguística, oral ou escrita, estará sempre sujeita a uma avaliação social, positiva ou negativa.

De uma forma geral, podemos analisar que tais “erros” aconteceram em momentos não monitorados da fala. Entretanto, os mesmos merecem atenção, tendo em vista o objetivo da escola que é levar conhecimentos aos seus alunos e, portanto, o conhecimento da língua em geral, sem ferir o dialeto apresentado pelos alunos, mas levando-o em consideração.

Desta forma, Bortoni-Ricardo (2005, p.15) afirma que:

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa.

No entanto, no período destinado a efetivação da pesquisa pode-se perceber que, no momento dos “erros” na fala dos alunos, a professora não se manifestou. De acordo com Bortoni-Ricardo (*op. cit.*), isto acontece por dois motivos:

[...] ou o professor não está atento ou o professor não identifica naquela regra uma transgressão porque ele próprio a tem em seu repertório. A regra é, pois, “invisível” para ele.

A professora respondeu-nos ainda que sempre propõe atividades visando conscientizar os alunos de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa, dando oportunidade de aprender as variantes de prestígios importantes para a ascensão social. A mesma não considera a linguagem padrão como a única correta e a única a ser ensinada na escola apesar da linguagem padrão estar presente na gramática e adquirir maior importância na sociedade não pode ser imposta como a única possibilidade da língua, pois toda língua em uso é adequada a comunidade que a utiliza sendo um sistema completo que permite ao educando expressar a sua cultura e manifestar-se no mundo.

Diante de todos os fenômenos constatados na fala dos alunos e da professora, o mais importante é que possamos, a partir dos mesmos, buscar a reflexão sobre as variedades e contribuir para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem no que tange o ensino da língua portuguesa.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho tratamos sobre o assunto da variação linguística, e percebemos que é notória a presença da mesma nas salas de aulas. Sendo assim, se faz importante que os professores reflitam sobre a existência da grande variedade linguística e, a partir daí, possam criar metodologias que visem o reconhecimento e a superação de estigmas relacionados à linguagem.

Desta forma, devemos buscar conhecer a realidade linguística dos alunos sem reprimi-la ou discriminá-la e, a partir de então, pensarmos meios para a superação destes problemas, buscando também a ascensão do aluno frente à linguagem padrão, já que é seu direito, enquanto cidadão, conhecer e fazer bom uso da mesma. Faz-se importante analisar que a forma não padrão tem seu valor e poderíamos até dizer suas regras, assim como a linguagem padrão.

Portanto, para que haja tal superação é imprescindível que o professor esqueça a noção de “erro linguístico” e compreenda que existe, linguisticamente, uma pluralidade cultural que faz parte do nosso país e da cultura de cada povo e, assim, promover à valorização de ambas as normas. O mesmo deve ter atitudes que contemplem as potencialidades dos alunos com práticas adequadas, evitando, desta forma, o fracasso escolar, a evasão e as consequências negativas no processo de

aprendizagem do aluno. Sendo assim, o professor em sua prática docente especialmente no que tange a norma não-padrão não deve ter atitudes preconceituosas, pois o ambiente escolar deve ser favorável, acolhedor e não um espaço onde o aluno sintá-se excluído ou ameaçado.

Contudo, nossos objetivos previstos foram concretizados em nossa pesquisa realizada na qual analisamos as falas “erradas” dos alunos e a postura da professora mediante tais fatos.

Este trabalho foi de suma importância para mim, pois me permitiu fazer um aprofundamento maior sobre a temática, além de uma reflexão sobre o tratamento da variação linguística na escola.

Esperamos com este trabalho contribuir para que os docentes possam ampliar as perspectivas de trabalho no que diz respeito ao ensino de Língua Portuguesa, buscando sempre pautar-se sobre a língua materna dos alunos e, a partir das duas, promover uma verdadeira educação linguística longe de preconceitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Anhembi, 1920.

ANTUNES, Irandé. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva. *Ditongação x Monotongação no falar de Fortaleza*. João Pessoa: Revista Graphos, p.109-120. Dez/2000

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália: uma novela sociolinguística*. 16. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. *Gramática histórica: do latim ao português brasileiro*. Brasília: UnB, 2007.

_____. *Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola, 2005.

_____; et al. *Língua Materna: letramento, variação & ensino*. São Paulo: Parábola, 2002.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. *Nós chegemu na escola, e agora? sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL. MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CÂMARA JR. J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CHOMSKY, Noam. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.

HYMES, Dell. On communicative competence. In: BRUMFIT, Christopher; JOHNSON, Keith. (Org). *The communicative approach to language teaching*. Hong Kong: Oxford University Press, 1971. p. 3-26.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: Pennsylvania University Press, 1972.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah; MORAES, João. Processos de mudança no português do Brasil: variáveis sociais. In: CASTRO, Ivo. & DUARTE, Inês. *Razões e Emoção: miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*. Vol. 1. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2002. p. 87-114.

LIMA, L. A. S. *Análise comparativa da monotongação na fala espontânea e na leitura oral*. Monografia (L licenciatura plena em Letras). Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2009.

MARTINS, Iara Ferreira de Melo. Apagamento da oclusiva dental /d/: perspectivas variacionista e fonológica. In: Demerval da Hora. *Estudos sociolinguísticos: Perfil de uma comunidade*. João Pessoa, 2004, p. 55-82.

PRETI, Dino. *Sociolinguística: os níveis de fala: Um Estudo Sociolinguístico do Diálogo na Literatura Brasileira*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

APÊNDICE

APÊNDICE 1



Universidade Estadual da Paraíba
Centro de Humanidades “Osmar de Aquino” Campus III
Departamento de Educação
Curso: Pedagogia

Aluna: Isabele de Lima Fernandes

Prezado(a) Professor(a), sou aluna do 8º período de Pedagogia, estou realizando este questionário a fim de analisar ações e concepções acerca da variação linguística, para que assim eu possa dar início ao meu TCC intitulado “A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO CONTEXTO ESCOLAR”. Desde já agradeço sua colaboração.

FICHA PARA DIAGNÓSTICO (PROFESSOR)

1- O que você entende por variação linguística?

2- Qual a importância de trabalhar-se a variação linguística na sala de aula? E como você trabalha a mesma?

3- Qual a sua postura diante de um caso de variação linguística observado na produção dos alunos?

4- Você considera a linguagem padrão como a única correta e a única a ser ensinada na escola?

5- Qual sua ideia acerca da linguagem não padrão (informal)?

6- O que você entende por preconceito lingüístico?
